

16.5.12557
Série de Notas sobre a Guerra

N.º 78

Col. 38
O que vi na frente britânica

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

O que vi na frente britauica

I

Pela cortezia do Ministerio dos Estrangeiros foi-me concedido ha pouco o privilegio de ser hospede do Estado Maior General em França durante uma visita memoravel de quatro dias ao teatro das operações militares, as quais com uma intensidade sempre crescente estão absorvendo toda a attenção e todas as energias do Imperio Britanico.

Segui com varios correspondentes de jornais americanos e homens de letras, com os quais fiz conhecimento na viagem até ao porto de embarque. Na estação maritima examinaram-se os passaportes e nós começámos a comprecender que estavamos debaixo de rigorosa observação. Como exemplo da bondosa consideração dos empregados militares, citarei o facto que durante o fastidioso exame dos documentos deram sempre a precedencia aos que iam a França visitar os seus parentes feridos. A bordo tivemos a pronta convicção que a travessia poderia ter os seus momentos de perigo. O vapor tinha mudado de côr desde a minha ultima viagem antes da guerra: apresentava

agora um costado cinzento escuro; entre os passageiros predominavam generais, oficiais do Estado Maior e homens vestidos de khaki; por toda a parte se viam salva-vidas á disposição dos passageiros. A tarde estava serena quando os dois transportes, atulhados de «Tommies», que, a julgar pelo seu entusiasmo, seus cantos e vivas, faziam a sua primeira travessia, largaram das boias seguidos do nosso barco. Reparei que os nossos defensores empregavam a maior vigilancia para descortinar algum periscopio inimigo. Os draga-minas trabalham constantemente e ainda não se perdeu nenhum transporte na travessia Folkestone-Boulogne, o que prova a eficacia da nossa Grande Armada. Avançámos cautelosamente, mudando a ordem de marcha em obediencia aos sinais recebidos.

Ao anoitecer enxergámos a linha da costa de França e quando entrámos no porto vimos indistinctamente muitos vultos no cais e dezenas de soldados encostados á muralha que cantavam como cantam os bandos que percorrem as ruas de Londres em noites de festa: «Estaremos desanimados?» Vieram logo á recordação os relatos daquele desembarque do nosso primeiro exército em agosto de 1914; pareciamos ouvir de novo aquella canção de marcha: «Tipperary».

No entretanto tínhamos formado linha no convez para o exame dos passaportes pelas autoridades francezas. Repetiu-se a triste pergunta: Ha parentes de feridos? E em seguida:

Ha visitas diplomaticas? Estão presentes estes cavalheiros? citando os nossos nomes. Por fim estavamos em terra e a bagagem passava rapidamente para os automoveis que nos esperavam. Fomos recebidos com toda a cordealidade pelos militares que deviam fazer-nos as honras e acompanhar-nos para o Chateau americano. Eram 10 horas da noite quando tomámos logar nos autos e dali a pouco deixavamos a cidade na nossa retaguarda. Cortavamos o ar penetrante e a escuridão da noite numa carreira vertiginosa seguindo para destino desconhecido. Esfreguei os olhos para me certificar que não era tudo isto um sonho. Uma hora depois parámos num logar solitario plantado de arvores; na penumbra destacava-se um grande edificio com a sua ponte levadiça e o competente fosso cheio de agua. Achamo-nos pouco depois na confortavel sala de fumar, francamente iluminada, num castelo feudal do seculo xiii, deante duma grande chaminé, absorvendo bebidas quentes e entabulando relações amistosas com os nossos amaveis hospedeiros.

No dia seguinte, depois do almoço, estudámos um mapa bem elaborado onde nos foi indicado o distrito que iamos visitar. A's 9,30 os autos esperavam á porta, fizemos exercicio de mascaras, puzemos na cabeça capacetes de metal e partimos, atravessando com a rapidez do relampago vilas e aldeias. Os campos pareciam entregues ao bem estar dos tempos de paz; o trigo estava amontoado esperando arrecadação; viamos os frugais cultivadores francezes, ho-

mens velhos, trabalhando nos campos com os netos e as mulheres disponíveis—pois todos os homens válidos tinham ido para a guerra. Passámos por fazendas bem tratadas com o feijão ao sol a secar para a alimentação do inverno e no pateo galinhas e patos e creanças a brincar. Contudo em toda a parte se viam sinais duma administração militar. De vez em quando eram detidos os autos e as sentinelas inglezas e francezas examinavam os passes. Numa ocasião vimos uma fila interminavel de camions de transporte que seguiam dum ponto para outro da linha de combate. Levavam as cozinhas acesas preparando a comida para se distribuir assim que se fizesse alto; cada cozinha tinha de dar alimento a 250 homens.

Passámos perto de uma hora a inspeccionar os métodos mais modernos empregados na instrução de infantaria do nosso mais pequeno e mais antigo aliado. Quem nos servia de guia era um coronel comandante, muito conhecido como escritor popular. Esse oficial disse-nos que o soldado portuguez é muito vivo, porém que existia uma certa dificuldade em se entenderem por causa da lingua; contudo por meio de sinais, diagramas e uma compreensão mutua ele aprendia rapidamente. Visitámos a barraca-museu onde se arrecadam varios objectos de interesse que testificam da habilidade dos aprendizes. Por exemplo, um descanso para carabina que permite girar a carabina numa área determinada para atirar por cima das trincheiras durante a noite. Experimentámos

um novo capacete á prova das balas do atirador; é mais alto e mais pesado que o «prato sopeiro» e tem uma especie de escudo grosseiro na frente. Vimos um pedaço de grossaria alemã cujos fios são feitos de papel torcido que parecem tão fortes como os fios de linho; tem toda a apparencia dum pedaço de sacco ordinario. Procura-se por todos os meios instigar os homens a empregarem a sua habilidade. Como exemplo do talento dum deles mostráram-nos um dug-out de atirador e um posto de observação. Ha um objecto interessante, perfeitamente novo para mim, com o qual se pode determinar o local do atirador. Nas trincheiras vimos um boneco que imita perfeitamente o tronco e a cabeça dum «Tomy» vestido de kha-ki com o cigarro na boca. Um individuo do nosso grupo disparou-lhe um tiro quando o boneco appareceu ao nivel da trincheira; examinámo-lo depois e vimos o ponto onde o tiro o tinha ferido e o angulo a que atravessou o corpo. Aqui pudemos observar todos os métodos empregados para esconder e iludir, conhecidos sob o nome de «camouflage». Assim como certos animais e insectos são dotados pela natureza de côres especiais — por exemplo, o insecto-folha, cuja côr é perfeitamente a da folha, confundindo-se com ella; e a lebre, com o seu pêlo russo que serve para a encobrir e proteger — assim os homens na guerra moderna procuram tornar-se invisiveis. Estes nossos Aliados que se estão fazendo atiradores eximios, esconderam-se com tal arte nas covas do solo, no meio

dos fetos ou na cavidade duma arvore que não deixaram vestigios, só os descobrimos quando, dado o sinal, saíram do esconderijo.

Puzemo-nos de novo a caminho. Colocámos nas cabeças os capacetes, tapando a boca e nariz com a mascara. Ao atingirmos o cume do monte, vimos abundantes indicios de bombardeamento e de dug-outs alemães, pois esta posição tinha estado desde o principio da guerra nas mãos do inimigo. A grande distancia para leste descobrimos Ypres e mais perto o lago Dickebush; a certa distancia na nossa frente via-se Commines e á direita Messines. A meia distancia elevava-se o alto de Wytschaete e ao sopé do monte, bombardeada e em ruinas, a pequena aldeia do mesmo nome. Estavam activissimos naquele dia os nossos pilotos: vimos um enxame de aparelhos romper pelas nuvens de regresso do bombardeamento ás linhas alemãs. Houve combates no ar e ouviam-se distintamente os tiros das peças anti-aéreas. O resultado do seu esforço conhecia-se pelas nuvens de fumo que apareceram atraz das linhas alemãs onde provavente as granadas tinham atingido as reservas de munições ou outras substancias inflamaveis. Elevavam-se vagarosamente das nossas linhas os halões de observação que parecem enormes chouriços.

Descemos a encosta, atravessámos a aldeia e chegamos á crista de Wytschaete, pequena eminencia. Uma scena de desolação por todos os lados: arvores arrancadas, profundas cavidades no solo e labirintos de arame farpado.

Batalhões de trabalhadores reparavam as estradas e construíam linhas ferreas. Chamaram a nossa atenção as grandes crateras abertas no solo, principalmente a de Wytschaete, excavação enorme. Seguimos depois para um dug-out de telefone ocupado por tres homens, um deles o comandante. Estavam metidos com os seus aparelhos num fundo buraco de espaço limitadissimo, sem ar e sem luz, a não ser a de um côto. O comandante conduziu-nos para o local onde estavam escondidas as peças debaixo de arame de camouflagé. Depois de examinar rapidamente o ceu, disse para um dos artilheiros: «Onde está esse aparelho boche», e mandou atirar. Tapámos os ouvidos, vimos um vivo clarão e ouvimos um estrondo medonho. Atiravam estas peças a uma distancia de 8.000 metros; a sua capacidade porém é de 15.000 metros e tem uma velocidade maxima. O comandante ordenou que dessem mais dois tiros e contou-nos ao afastarmo-nos que naquele momento pouco movimento havia, mas que em geral esse era um sitio terrivel; tinham de ficar durante muitas horas consecutivas no dug-out por ser impossivel rendê-los.

Despedimo-nos deste valente e incansavel cavalleiro, subimos para os automoveis e assim findou um dia muito instrutivo. Tinhamos percorrido ao todo umas 90 millias, tendo atravessado a fronteira belga e passado por nove vilas e aldeias.

II

O dia de maior interesse e de mais fortes impressões foi o que passamos entre scenas de desolação e ruina. Aquelas 10 horas foram tão repletas de variadas comoções que a esta distancia de tempo é-nos difficil obter delas uma perspectiva fiel. Partimos ás 9 horas da manhã para darmos uma volta de 130 milhas, passando por onze logares diferentes. A pouca distancia de Fruges o nosso *chauffeur* indicou-nos os campos onde se feriram as grandes batalhas de Crecy e Azincourt, e na imaginação vimos os nossos denodados avós combatendo no solo da França, não com metralhadoras e peças de grande calibre, mas com arcos e flechas, piques e escudos. Num campo vimos grande numero de «tanks» em linha como um batalhão de soldados e na visinhança varias barracas espaçosas onde, dirigidos por mestres inglezes, trabalhava uma chusma de chins. O major que nos servia de guia, levou-nos a visitar as officinas de engenharia e os depositos, dizendo-nos que os «tanks» todos veem da Inglaterra. Aqui são reparadas as maquinas velhas e os «tanks» incapacitados que voltam feridos dos combates. Quando a ferida é de morte são desmantelados e as diferentes partes utilisam-se para outros efeitos. Observámos um desses monstros a caminhar: deu uma volta com todo o vagar, revolvendo fundamente a terra e afastou-se lentamente como uma lagarta gigantesca. Poz-se em movimento outro «tank» que se aproximou

dum fosso profundo. De repente na borda do abismo mudou o centro de equilibrio e foi de cabeça para baixo pela ribanceira. Como se havia de tirar o monstro dessa situação? Parecia um problema impossivel de resolver. Porém as correias continuas nunca deixaram de girar, desceu pelo focinho do monstro uma grossa barra de ferro presa a correntes que serviu de péga para poder marinhar pela outra ribanceira lodosa e escorregadia. Ao chegar ao tôpo mudou de novo o centro de gravidade e o bicho firmou-se no chão. Desastrado, porém eficaz! É facil imaginar o efeito que produziu no animo dos alemães quando viram descer a rua principal de Fler um destes monstros diabolicos. Como grande favor, foi-me permitido dar um passeio de «tank». Entrei de gatas por uma porta lateral e passei por baixo dos suportes das peças; sentei-me numa barra de ferro no meio do maquinismo e agarrei-me bem com as duas mãos. Os dois condutores iam na frente, espreitando pelas janelas, e na retaguarda um mecanico que tratava das maquinas. Puzemo-nos em marcha; aproximámo-nos duma pilha de lenha com a altura de 2^m,5 e uma superficie de 6 metros. De repente senti um repelão: as correias continuas tinham mordido; fômos içados ao ar. Houve um momento de suspensão, o monstro oscilou para encontrar novo centro de gravidade, deu um arranco para deante e despenhou-se do outro lado enquanto que os passageiros se agarravam com unhas e dentes. Tomou-se pouco a pouco a posição normal e eu

saltei fóra, satisfeito da experiencia, porém sem nenhuma vontade de passar horas num veiculo tão incomodo.

Continuando a nossa digressão, vimos de passagem uns magnificos tipos da Cavalaria de Bengal e chegámos á cidade historica de Arras onde de novo apparecem sinais de devastação. Penetrámos cautelosamente na cidade por entre casas em ruinas e desertas. Parámos na Cathedral e subimos a escadaria de pedra. Este magnifico padrão de arquitetura franceza não passa dum esqueleto. De pé restam só as colunas e as paredes exteriores; do tétto pouquissimo ficou. De vida nem um sinal a não ser um gato que passou por cima dum monte de destroços. Demos uma volta rapida pelo interior, pois corriamos o perigo de sermos collidos pelas pedras que de ora em quando se soltam.

Os autos seguiam vagarosamente para nos dar occasião de ver os effeitos produzidos pelos projecteis; casas derrubadas, telhados voltados, alguns tendo tomado posições extraordinarias como se os tivessem levantado em peso e tornado a collocar a esmo. Na Grande Place os edificios não soffreram tanto, porém a bela Camara Municipal era um montão de ruinas. Com prazer deixamos estas tristes paragens; passamos pelos restos da estação de caminho de ferro que os alemães se aprazem ainda em bombardear. Ao atravessar esta cidade quasi totalmente deserta, onde se ouve o som dos proprios passos, onde a voz ressoa com um timbre sepulcral, tem-se a impressão duma

tristeza profunda, esmagadora. A ruína inspira maior; porém o primeiro sentimento de tristeza cede de pronto a um impulso de justa indignação. Em 1914 os alemães entraram em Arras; foram depois expulsos pelos francezes e tomam a desforra deste modo infernal.

Desviamo-nos agora da estrada para fazermos uma visita aventureira ao labirinto de trincheiras. Puzemos de novo os capacetes de aço e as máscaras. Por um caminho escabroso chegamos á aldeia de Croisilles que não passa dum aglomerado de pedras e caliça, sem habitantes e frequentemente bombardeada pelo inimigo. Tínhamos notado pelo caminho varias taboletas com avisos: «Não toqueis nos projecteis; o perigo é de morte.»

Deixamos os autos num pequeno monte onde passava antigamente a estrada que atravessava a aldeia. Ao som dos canhões alemães que atroavam os ares, seguimos a pé com todas as precauções, pois esperavamos a cada momento que as granadas caíssem em volta de nós. Por cima das nossas cabeças voavam varios aeroplanos e o repique das metralhadoras indicava uma aproximação um tanto alarmante. Ao sopé da colina vimos o seguinte aviso: «Area duma mina ainda carregada. Camions e outros vehiculos devem seguir com a maxima cautela.» Tambem nas poucas casas ainda de pé, liam-se disticos em alemão.

Deixando outra vez a estrada, atravessamos um campo martirisado pelos projecteis, cheio de excavações e entrincheiramentos. Quando

por fim alcançamos as trincheiras, sentimos um certo alívio pois elas ofereciam um tal ou qual abrigo. Depois de ter percorrido varias milhas, geralmente em aclive, pois as nossas linhas ocupavam as cristas dos montes, chegamos á primeira secção de socorros a feridos instalada numa caverna bastante funda. Saimos de novo á luz do dia ao pé do dug-out do commandante de pelotão onde um primeiro sargento fazia a distribuição de serviço a um grupo de soldados irlandezes. Uns recebiam pás e picaretas, outros iam render os que trabalhavam; porém todos eles tinham belo aspeto e cara alegre, proferiam chalaças e aparentavam uma indiferença absoluta em face dos incomodos da sua situação actual que se parecia com a dos roedores nas suas habitações subterraneas. Apresentou-se um tenente para nos servir de guia. Atravessamos mais um labirinto de trincheiras, todas com nomes pitorescos. Passamos por varios grupos, o pessoal do corpo de ambulancias militares, um correio trajando khaki e trazendo capacete de aço, que distribuia a correspondencia, um troço de trabalhadores ocupados em fazerem melhoramentos nas trincheiras, homens que dormiam nos dug-outs de carabina ao lado e baionetas á mão prontos para a primeira voz. Examinamos uma plataforma de metralhadora, que se pode dizer indestrutivel, fabricada em cimento e fortalecida com barras de ferro: mais uma prova de quanto é perfeito o trabalho do alemão. Estava indene: nem haverá explosivo que a possa ani-

quilar. Avançamos cautelosamente até chegar a um desvio que parte da trincheira de primeira linha e que dista só uns trinta metros das linhas alemãs. Estava um «Tommy» de sentinela, provido de bombas e granadas e a carabina engatilhada. Silenciosos, subimos ao parapeito e espreitamos para a «terra de ninguém» onde nada se via senão um emaranhado de arame farpado a pequena distancia, debaixo do qual provavelmente um enxame de alemães se agachavam nas suas tocas subterraneas. Seria bruxaria, mas o que é certo é que neste momento zuniram aos nossos ouvidos duas balas de atirador; os projecteis sibilavam nos ares recordando-nos que a guerra é uma realidade. Felizmente para nós, os alemães não suspeitaram da nossa presença ali, senão ter-nos-hiam infalivelmente saudado com meia dúzia de bombas. Retrocedemos, seguindo por um estrado baixo de madeira colocado no fundo da trincheira e que pereorre toda a sua extensão como resguardo da lama escorregadia. Alguem do nosso grupo fez o reparo que os homens que cavaram aquelas trincheiras de tres metros de profundidade e num terreno de pedra de giz não abençoavam de certo a tarefa. O tópo e as paredes da trincheira estavam cobertas de flores — papoulas, cardos, trevo e outras de côres variadas — o que nos fez reflectir que a Natureza prossegue no seu benefico desenvolvimento a despeito das contendas dos homens. Chegamos por fim á pequena aldeia onde tínhamos deixado os autos, felicitando-nos por termos

escapado a tantos perigos. Seguimos para o depósito dos Salvados dos campos de batalha, barraca meia arruinada onde se arrecadam as reliquias e os restos de equipamento recolhidos depois do combate.

Passamos pelas toscas barracas de repouso que, enquanto a conforto não avantajam muito as trincheiras a não ser no ponto de estarem afastadas das linhas de fogo, e seguimos a toda a velocidade para Bapaume. Aqui a scena tem um aspecto diferente, pois esta cidade devastada não foi presa só dos projecteis, mas do fogo e da picareta. Quando os alemães foram expulsos de Bapaume deixaram numerosos rastilhos calculados para explodirem a um certo intervalo—às vezes mesmo de quinze dias. A pouca distancia de Bapaume reparamos num alto á beira da estrada, as famosas Buttes de Warlencourt, coberto de pequenas cruces de madeira que comemoram saudosamente os denodados soldados da Durham Light Infantry e da South African Infantry, e perpetuam a glória dos heróis britannicos que em outubro de 1916 lutaram desesperadamente para a posse do alto e pereceram na refrega.

Passamos Pozieres e em seguida Albert, famosa cidade secular onde os alemães deixaram os seus rastos funestos. O principal monumento da cidade é a linda igreja que se torna notavel pela torre colorida e pela abundancia de ornatos. No alto da torre ficou meia derrubada a estatua da Virgem, o que a distancia produz um effeito singular.

III

A famosa fabrica de peças de artilharia que hoje é utilizada como officina de reconstrução, onde se renovam toda a especie de equipamentos e material de guerra, representa um novo ramo de grande economia para o exercito. Iniciou-se em abril de 1915 e dentro em seis mezes trahalhava em cheio; actualmente estão ali empregadas 4.000 pessoas. E' uma imensa fabrica como as que se vêem em Inglaterra, com a diferença porém que nesta trabalham muitas francezas e alguns operarios doutras nacionalidades. Passando pela repartição dos instrumentos opticos, onde se concertam binoculos, periscopios, relogios, etc., chegamos á officina dos estanhadores. Aqui trabalham mulheres no concerto de latas de cozinha, alisando as amolgaduras e dando-lhes banho de estanho. Neste serviço poupa-se bastante pois o custo duma lata nova é de 500 réis emquanto que o trabade a recompôr não passa de 70 réis. Nas officinas de correeiro vêem-se homens limpando arnezes e muitas raparigas empregadas em rebitar, etc. Pela primeira vez tive occasião de ver raparigas trabalhando em carpintaria, fabricando portas, cavaletes, mesas, caixotes, etc. Na officina de serralharia ha uma repartição ótimamente instalada onde trabalham em tornos. Peças de todos o calibres até os maiores, carretas, tudo emfim se reconstroe e se concerta. Nas lojas de sapataria trabalham rapari-

gas de empreitada; é uma scena de grande actividade. Da frente, das barracas dos primeiros socorros medicos e doutras partes, são recambiadas as botas dos soldados, aqui se examinam e se repartem segundo a sua provavel utilidade futura. As melhores voltam para a primeira linha, as menos boas para as linhas de comunicação e as que já não podem servir para os soldados nas trincheiras são mandadas a Inglaterra onde ainda são uteis servindo para os operarios de munições. Os canos das botas que não podem ter outra serventia cortam-se ás tiras por meio duma maquina especial para fazerem atacadores. Nada se perde: a varredura das oficinas, a serradura, os restos de coiro servem para alimentar as fornallias que fornecem a força motriz da fabrica. Nesta fabrica uma das tarefas mais importantes é a dos mestres que teem de adaptar os homens ao seu trabalho segundo a sua capacidade. Grande parte da obra tem de ser feita á mão pois as botas teem muitos pregos que danificariam as maquinas. Andam por 800 os homens e mulheres que trabalham nesta officina de sapataria.

Depois de remendadas as botas, dá-se-lhes um banho de azeite para as tornar flexiveis e ficam como novas ou ainda melhores, pois já estão aclimadas.

A officina onde se reparam carabinas e baionetas é igualmente de muito interesse. Despacham-se diariamente umas 1:000 carabinas; ali vimos mulheres ocupadas a pôr á prova a tem-

pera das baionetas. Nesta officina os operarios são todos peritos britannicos.

Depois dum pequeno descanso, devos volta aos grandes depositos de viveres destinados ao exercito. Dizia Napoleão que o exercito britannico está ótımamente servido; a alimentação dos combatentes é por todos tido como excelente. Um capitão das forças australianas levou-nos a visitar a padaria, estabelecimento onde se gasta por dia aproximadamente 200:000 quilos de farinha com a qual se alimentam 500:000 soldados. O trabalho é cuidadosamente verificado; quando a massa desce ás balanças, dá-se o numero do amassador e cada pão fabricado vem estampado com o numero correspondente; isto para averiguação no caso de haver queixa. Envia-se o fermento directamente da Inglaterra, porém se viesse a faltar ha maneira de o fabricar na padaria. Vimos os enormes fornos onde cada fornada consta de 250 pães. Nas salas onde se amassa estavam os homens despídos até á cintura. Teem um trabalho dos mais arduos, porém causa admiração o facto que na reinspeção medica reconheceu-se que um grande numero destes homens se tinham tornado aptos para a linha de fogo. Na padaria os homens trabalham em tres turmas de 8 horas; ha a maxima vigilancia em verificar o estado de saude dos empregados. Em caso de necessidade existe sempre em deposito grande quantidade de pães de dois arrateis, que é a ração de dois homens. Os vagon do caminho de ferro che-

gam até á porta da padaria e são carregados pelos prisioneiros alemães, porém estes nunca são admitidos portas a dentro.

Nos enormes armazens de retem ha de tudo quanto seja destinado a servir de alimento para as tropas. O serviço manual é feito por chins: empilham, desempilham, e transportam grandes fardos de generos. Estes homens teem a sua alimentação especial: camarão, ostra, mexilhão, lulas, mas tudo sêco, hortaliças e ovos de conserva, etc. Ha grandes montes de latas — a «bête noire» dô Tommy — ; é a «ração de ferro» que tem de levar sempre consigo: carne de conserva, seis biscoitos e uma porção de chá e assucar.

Mostraram-nos o menu que se expede todos os dias para os soldados em conformidade com as ordens recebidas dos comandantes das linhas. A ração para cada homem é farta: comprehende carne fresca, congelada ou de conserva, farinha de aveia, arroz, toucinho, queijo, hortaliças, tamaras, compota, chá, assucar, pão, bolacha, leite de conserva, tabaco, cigarros, fosforos, etc. Tambem ha fornecimentos especiais para a gente de outras raças, por exemplo os indios. Os prisioneiros alemães tambem teem regulado por ordem superior; basta dizer que teem uma dieta variada e sufficiente para lhes conservar a saude e manter as forças necessarias para os seus misteres. Neste imenso deposito ha generos para todos os paladares, até a goma que os canadianos tanto gostam de mastigar. Cheios de admiração pela ma-

gnifica organização deste armazem, passámos para o deposito de equipamentos cujo catalogo dá uma lista de 4:000 artigos diferentes, necesarios para constituir esta vasta maquina de guerra. Neste deposito ha uma nova secção que acaba de se abrir: forma-se dum Corpo Feminino Auxiliar. As mulheres com a sua farda cõr de khaki produzem um efeito agradável; umas trabalham de escritorio e outras aprendem diversos serviços. Esta secção está dando bons resultados.

Estava concluido este dia tão repleto de factos, algarismos e impressões. Voltamos para o Chateau (o nosso confortavel dug-out), onde á noite tivemos ocasião de colher mais alguns dados sobre as idéas que predominam no exercito. Basta dizer que o animo dos homens e dos seus superiores militares é magnifico; a disciplina, de alto a baixo, é rigorosissima, e o esprit-de-corps, a cortezia e a hospitalidade, nada deixam a desejar.

